



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10773 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

**CONSTITUIÇÃO DOCENTE EM INTERFACE À PRÁTICA DE LEITURA DE ARTIGO CIENTÍFICO NO PIBID**

Jessica Reinert dos Santos - FURB - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

Cyntia Bailer - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau

**CONSTITUIÇÃO DOCENTE EM INTERFACE À PRÁTICA DE LEITURA DE ARTIGO CIENTÍFICO NO PIBID**

A pesquisa aqui apresentada, traz considerações acerca das práticas de leitura em torno de artigos científicos desenvolvidos no cerne das ações do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), sendo este um programa de iniciativa do governo federal, o qual possui como objetivo incentivar a iniciação à docência, visando o aperfeiçoamento docente em nível superior e assim, conseqüentemente, contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica em nosso país (BRASIL, 2010).

A investigação lançou olhares a dois subprojetos desenvolvidos em uma universidade de Santa Catarina, a qual possuía editais aprovados do programa desde 2010. Lamentavelmente, por conta da baixa procura dos acadêmicos em razão de especificidades requeridas no edital do órgão fomentador, os subprojetos aqui analisados não estão mais em andamento na universidade mencionada. Tal situação reforça que pesquisas como esta aqui apresentada são de grande valia para as discussões do cenário educacional atual, uma vez que as ações dinamizadas pelo PIBID qualificam a formação docente, tendo assim, importante impacto nas ações desenvolvidas por estes profissionais em sua atuação, refletindo de modo significativo para uma educação básica pública de qualidade.

Os subprojetos em questão fizeram uso do diário reflexivo, compreendido aqui, de acordo com Santos (2017), como uma forma de interação verbal do professor em formação acerca dos eventos participa por intermédio do PIBID, como palestras, reuniões, entre outros momentos. O diário reflexivo, então, nos dá subsídios para compreender, sob a ótica dos bolsistas, como ocorre a interação destes com práticas de leitura, trazendo à tona os desafios e

estratégias que perpassam tal prática. Foi por meio da análise deste instrumento de registro que nos chamou atenção como a leitura se faz presente em vários momentos nas práticas dinamizadas, com o intuito de dar subsídios teórico-metodológicos e didático-pedagógicos aos acadêmicos ingressantes no Programa.

Ao se inserirem em eventos de letramentos em decorrência do envolvimento com as práticas pedagógicas realizadas no PIBID, os bolsistas adentram em práticas letradas diversas para se assumirem enquanto *insiders* nesses contextos de interação, tanto enquanto professores em formação no contexto acadêmico, assim como professores atuantes em meio às interações em sala de aula, buscando compreender modos de falar, escrever, ler, agir e interagir recorrentes nesses contextos (GEE, 2008; FISCHER, 2008).

Desse modo, tendo em vista o alcance nacional e a representatividade que este Programa apresenta, há a necessidade de discutir as implicações do PIBID na formação docente dos acadêmicos, em interface à interação destes em práticas de leitura de artigos científicos. Este trabalho tem como objetivo analisar a interação dos bolsistas com práticas de leitura instituídas pelos subprojetos, tendo como foco a leitura de artigos científicos.

Os dados aqui analisados fazem parte de uma dissertação defendida em uma universidade catarinense, a qual objetiva compreender modos como se relacionam a formação de identidades docentes em práticas de letramentos desenvolvidas no PIBID. Na referida pesquisa, foram analisadas práticas de leitura, escrita e oralidade emergentes dos dados. Para este trabalho, trazemos considerações acerca das práticas de leitura de artigos científicos realizadas no decorrer das atividades dos subprojetos.

Para tanto, foram selecionados quatro acadêmicos do curso de Letras Português/Inglês de uma universidade catarinense: dois do subprojeto Letras-Português e dois do Interdisciplinar-Linguagens, que possuíam publicações científicas com variedade de gêneros, construíram diário reflexivo e não possuíam experiência docente. A fim de assegurar o anonimato dos sujeitos da pesquisa, cada bolsista escolheu um pseudônimo: Lara e Sophie, do Letras-Português, e Camila e José do Interdisciplinar-Linguagens, os quais serão utilizados para remeter aos sujeitos no decorrer das análises.

Lançamos, então, nossos olhares aos diários reflexivos produzidos pelos estudantes, às publicações científicas e à realização de entrevista episódica (FLICK, 2004) individual, a fim de compreender questões voltadas “em torno dos textos” (LILLIS, 2008, p. 355, tradução nossa), ou seja, compreender o processo de construção da escrita em seus pormenores. Em razão dos procedimentos metodológicos adotados, podemos caracterizar a pesquisa como sendo de cunho qualitativo e interpretativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994). As lentes teóricas que nos auxiliam olhar aos dados se amparam nos estudos acerca dos letramentos acadêmicos e pedagógicos (GEE, 2008; FISCHER, 2008; COLAÇO; FISCHER, 2015) e na concepção dialógica da linguagem de Bakhtin (2014).

Em meio às ações organizadas pelos subprojetos, há a interação em práticas de leitura,

por meio de formações de cunho teórico a fim de auxiliar os bolsistas na construção de sentidos entre teoria e prática e prática e teoria, articulando assim, uma visão do ensino como objeto de pesquisa.

Dentre as leituras apontadas pelos bolsistas, ao serem questionados sobre os gêneros que mais liam no Programa, o gênero artigo científico foi o mais recorrente, pois é a partir dele que se estabelece um intermédio entre pesquisadores, professores e acadêmicos sobre os conhecimentos que se têm produzido no meio científico sobre determinado assunto (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Tal afirmação pode ser evidenciada a partir dos dizeres dos sujeitos durante as entrevistas, como em: (1) “Artigo, geralmente artigo. Capítulo de livro também, mas, **mais** artigos” (Entrevista Camila – 19/04/2016, grifo nosso); (2) “Artigos acadêmicos” (Entrevista José - 27/04/2016); (3) “[...] artigo científico, **muito, muito, muito, muito**, assim” (Entrevista Lara -19/04/2016, grifo nosso); (4) “Artigos científicos, **é o que a gente mais lê pro PIBID**, digamos assim, né, para as formações, capítulos de livros, né”. (Entrevista Sophie - 27/04/2016, grifo nosso).

Nesses excertos, fica evidente a presença constante dos artigos científicos nas práticas de leitura desses bolsistas em processo de formação docente, a partir dos advérbios de intensidade utilizados para reportar à leitura desse gênero, como “mais” (1) e (4) e “muito, muito, muito, muito” (3). Lara, ao repetir várias vezes o advérbio de intensidade “muito” (3) dá uma entonação expressiva de cunho valorativo (BAKHTIN, 2011) que se reporta à leitura do gênero, remetendo-nos à efetiva inserção dos artigos científicos nas práticas de leitura desses bolsistas. Assim, ela demonstra que há um contato intensivo, pois, como defende Kleiman (1997), quanto mais se estabelece o contato com determinados gêneros e se reconhece sua estrutura, mais fácil será sua compreensão tanto na leitura quanto na escrita.

Os excertos (1), (2), (3) e (4) nos dão indícios sobre a intensa formação científica no PIBID, a partir dos discursos de intensidade proferidos pelos acadêmicos. Desse modo, compreendemos o alto status dado ao artigo científico na esfera acadêmica, uma vez que este gênero serve como modelo de texto daquilo que se espera que o aluno produza ao se inserir nas práticas de letramento predominantemente acadêmicas (LILLIS; SCOTT, 2007).

Camila e Sophie acrescentam, também, a leitura de capítulos de livros (1), (4) que realizam para as formações com supervisores e coordenadores. Com relação a isso, Lara acrescenta que: (5) “Por exemplo, às vezes a gente tem que ler uma obra inteira, né, ‘ah, multiletramentos no ensino médio’, [...], as coordenadoras passavam autoras que fizeram artigos que falavam sobre aquele livro, **então, muitas vezes a gente não entendia a obra, a gente ia lá e recorria pro artigo**. Então, a gente entendia, porque a pessoa falava de uma outra forma, explicava, utilizava outros autores para explicar o que tava escrevendo e tudo mais. Então, assim ó, o artigo científico foi a torto e a direito (risos)” (Entrevista Lara - 19/04/2016, grifo nosso).

Para Lara, os artigos servem não somente para agregar mais conhecimento sobre

determinado assunto, mas também como um suporte para a compreensão de capítulos de livros com metalinguagem específica da vertente teórica adotada, sendo esta metalinguagem, de acordo com Zavala (2010), constitutiva da escrita na academia. Ao enunciar “então, muitas vezes a gente não entendia a obra, a gente ia lá e recorria pro artigo” (5), Lara justifica que, de acordo com sua experiência leitora, o modo como outros autores escrevem sobre a obra a ajuda na compreensão do texto original, realizando, assim, um movimento dialógico metalinguístico (FISCHER, 2007) sobre a leitura, buscando, gradualmente, adquirir o conhecimento metalinguístico conceitual necessário para a compressão das leituras por meio da metalinguagem utilizada na área de atuação em que se insere.

Lara também mostra que a indicação de outros textos para a compreensão de um livro parte dos coordenadores, como mostra o excerto (5) “as coordenadoras passavam autoras que fizeram artigos que falavam sobre aquele livro”, demonstrando assim, a proximidade que há na relação entre coordenadores e acadêmicos. Além disso, Lara faz uso da expressão “a torto e a direito” (5), reforçando os posicionamentos de (1) (3) (4) da intensa leitura de artigos científicos.

Lara, no excerto (5), dá indícios de que a leitura de textos teóricos oferecidos pelo PIBID nem sempre é de fácil compreensão, conforme enunciado, “muitas vezes a gente não entendia a obra”. Essa incompreensão pode ter relação com a metalinguagem conceitual em uso nos textos científicos, para problematizar aquilo que está sendo trazido para discussão, por meio de conceitos e expressões próprias da área de educação linguística. Outro aspecto que pode estar relacionado com as tensões quanto à leitura desses textos diz respeito à sua estrutura, pois os bolsistas ainda não estão familiarizados com as particularidades desses gêneros, como já discutido.

Essas incompreensões acerca da leitura de textos científicos que afloraram do dizer de Lara (5) emergem, também, dos enunciados de Sophie e José ao serem questionados sobre suas experiências leitoras de cunho teórico realizadas no período de inserção no PIBID, como elucidado em: (6) “**Foi bem difícil** (risos). Meu, no começo assim, tive que **ler, voltar, ler de novo** que **não entendia nada**, né, no comecinho, assim, né, mas depois foi melhorando a leitura. Agora os textos, assim, eu considero todos fáceis, assim, **porque eu já tenho o aporte teórico**, né, mas, no começo, **foi bem difícil**, assim” (Entrevista Sophie- 27/04/2016, grifo nosso); (7) “Eu admito que no começo **foi bem difícil**. [...], foi um artigo, [...] acho que foi sobre Letramento, **era tudo muito novo pra mim, então eu não entendi nada**” (Entrevista José - 27/04/2016, grifo nosso).

José e Sophie realizam movimentos dialógicos avaliativos (FISCHER, 2007) em dois momentos, nos dizeres (6) e (7): logo em suas primeiras palavras, ao trazerem que “foi bem difícil” a realização dessas leituras no começo de suas caminhadas e ao afirmarem que “não entendia nada” dos textos que teriam que ler. Essas expressões nos dão indícios do quão árdua foi, no início, a inserção desses acadêmicos nessa prática letrada típica da esfera acadêmica. Sophie ainda enfatiza sua necessidade de retomar a leitura várias vezes na tentativa de

compreendê-la, como no enunciado “tive que ler, voltar, ler de novo” (6). José traz que as tensões que emergiram nas práticas de leitura se deram em razão de ser “tudo muito novo pra mim” (7).

Novamente, os dizeres dos sujeitos nos indicam que a falta de compreensão dos textos no momento da realização de suas leituras ocorre, principalmente, pelo pouco conhecimento acerca da metalinguagem que compõe o gênero científico, como as nomenclaturas utilizadas pelos autores, os conceitos utilizados no decorrer do texto, bem como o modo como o autor constrói o texto por meio de suas escolhas lexicais. Os bolsistas se encontravam como *outsiders* nas práticas de leitura, pois, por vezes, ainda não estavam familiarizados com conceitos, estruturas, além do não conhecimento sobre o saber dizer científico. As práticas leitoras dinamizadas pelo PIBID auxiliam, então, na constante construção de conhecimentos tanto linguísticos e textuais, quanto discursivos, uma vez que, por meio das interações, há a (re)construção dos saberes trazidos pelos acadêmicos de suas experiências leitoras anteriores à academia.

Os excertos (5), (6) e (7) denotam as incompreensões que os acadêmicos enfrentam acerca das leituras, por vezes relacionadas ao desconhecimento de palavras ou expressões que são utilizadas no texto (KLEIMAN, 1997). Para que consigam compreender os textos, é necessária a junção de conhecimentos prévios, no que tange ao conhecimento linguístico e textual do que se está lendo, bem como os modos de produção que perpassam o meio acadêmico. Sem esses conhecimentos, há problemas na compreensão leitora (KLEIMAN, 1997), como apontaram os sujeitos.

Sophie, ao ser questionada sobre o que torna a leitura difícil, atentou para o fato de: (8) “[...] **no ensino médio a gente não lê textos assim**, né, a gente lê romances, poesias, né, e textos mais curtos, né, redações e coisas assim. Assim, **não artigos científicos**” (Entrevista Sophie - 27/04/2016, grifo nosso). Esse dizer nos dá indícios de particularidades que constituem as práticas desenvolvidas na esfera escolar, diferentes daquelas exigidas na academia, principalmente no tocante aos gêneros. Na academia, segundo Sophie, há a preocupação com a leitura e divulgação de pesquisas por meio dos “artigos científicos” (8); já na escola, há um maior contato com gêneros da esfera literária, como “romances, poesias” (8), além de a escrita ser realizada por meio de “redações” (8), gênero típico da cultura escolar. As particularidades que constituem as práticas escolares e as que constituem as acadêmicas são constituídas institucionalmente, por meio de relações epistemológicas e ideológicas que perpassam tais contextos. Os acadêmicos, ao saírem do ensino médio e ingressarem na universidade, não se encontram familiarizados com as convenções que perpassam o ensino superior e passam por conflitos ao participarem das práticas dominantes da academia, em função também de gradativas aprendizagens.

Ao trazermos à discussão a busca por explicitar as particularidades do gênero, devemos ter em mente a carga valorativa que tal ação inclui. Lillis (1999, p. 131, tradução nossa) afirma que explicitar certos pormenores constitutivos de gêneros “envolve aprender

como construir significados por meio de uma série de convenções inter-relacionadas, resultantes do contexto sócio discursivo particular do ensino superior”. Convenções estas mencionadas pela autora, que caracterizam os modos específicos de dizer que a academia exige daqueles que em seu contexto adentram. Desse modo, a esfera acadêmica é uma instituição cuja ideologia se volta para a socialização do indivíduo quanto às normas institucionais que a constituem e na qual os acadêmicos precisam se inserir em um processo unidirecional (MITCHELL; SCOTT, 2015), não sendo possível explicitar todas as dimensões que constituem a academia, pois estas são constitutivas dos letramentos que perpassam a esfera acadêmica.

Como Sophie mostra, durante sua passagem como aluna na educação básica, ela não teve contato com gêneros científicos. Assim que entrou na universidade, deparou-se com gêneros com os quais não estava familiarizada, com modos de escrita específicos, conflitando com os conhecimentos prévios construídos durante a educação básica.

Embora os acadêmicos mostrem os desacordos ao adentrar na esfera acadêmica, Sophie nos dá sinais de que as barreiras por ela enfrentadas quanto à compreensão dos textos foi sendo superada ao justificar “porque [agora] eu já tenho o aporte teórico, né” (8). Esse movimento de certa superação da não-familiaridade com a metalinguagem constituinte da educação linguística mostra uma gradual compreensão quanto aos letramentos dominantes (LILIS; SCOTT, 2007), ou seja, práticas de letramento que são mais prestigiadas no contexto acadêmico em detrimento de outras, que fazem parte da academia, num intenso processo de (re)construção de seus saberes e apropriação de novos conhecimentos linguísticos.

Conseguimos depreender que muitas das leituras realizadas no decorrer dos subprojetos eram pertencentes ao gênero artigo científico, o qual possui metalinguagem e características específicas. Tais especificidades não eram familiares aos bolsistas, em razão dos diferentes gêneros discursivos que perpassam o contexto escolar, em detrimento daqueles que emergem das interações dinamizadas em contexto acadêmico. Diante disso, muitos foram os desafios enfrentados pelos bolsistas ao se depararem com a leitura de artigos científicos, e o PIBID, nesse contexto, deu subsídios teóricos e metalinguísticos para que os acadêmicos conseguissem desenvolver plenamente a leitura de tais artigos, minimizando as lacunas por eles apresentadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas de leitura. PIBID. Letramentos Acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução

por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 203 p.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora: Portugal, 1994, 335 p.

BRASIL. Decreto nº 7.219 de 25 de junho de 2010. Acesso em: 20 jul. 2015.

COLAÇO, S. F.; FISCHER, A. Letramentos acadêmicos em um programa de iniciação à docência: modos de interação em práticas pedagógicas. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v.18, n.1, p. 99-123, jan./jun. 2015.

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Acta Sci. Lang. Cult.**, Maringá, v. 30, n. 2, 2008, p. 177-187.

FLICK, U. As narrativas como dados. In: FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004, p.109-123.

GEE, J. P. **Social Linguistics and Literacies: ideology in discourses**. 3. ed. London: Routledge, 2008.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 5. ed. Campinas: Pontes, 1997, 82p.

LILLIS, T. Ethnography as method, methodology and “deep theorizing”: closing gap between text and context in academic writing research. **Written Communication**, n. 3, v.25, p. 353-388, jul. 2008.

LILLIS, T. Whose “common sense”? Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. (orgs). **Students writing in the university: cultural and epistemological issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p.127-140.

LILLIS, T.; SCOTT, M. Defining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy. **Journal of Applied Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 5–32, 2007.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010. 166p.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**. Belo Horizonte, v.01, n.01, p.109-131, 2009.

MITCHELL, S.; SCOTT, M. How can the text be everything? Reflecting on academic life and literacies. In: LILLIS, T., et al (orgs). **Working with academic literacies: case studies towards transformative practice**. Parlor Press, 2015, p.117-123.

SANTOS, Jessica Reinert. **A construção de identidades docentes em práticas de letramentos acadêmicos do PIBID**. 2017. 156 p. Dissertação (mestrado) – Educação. Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso? Letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; GRANDE, P. (orgs). **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 71-95.